

**0 JANTAR**



# HERMAN KOCH O JANTAR

Tradução de Alexandre Martins



# **APERITIVO**



# 1

Íamos sair para jantar. Não vou dizer em qual restaurante, porque da próxima vez pode ser que o lugar esteja cheio de gente que foi para ver se estamos lá. Serge fez a reserva. É sempre ele quem cuida disso: a reserva. Esse restaurante em especial é um daqueles que precisa ser reservado com três meses de antecedência — ou seis, ou oito, sei lá. Pessoalmente, não gosto de saber com três meses de antecedência onde vou jantar em determinada noite, mas parece que algumas pessoas não se importam. Daqui a alguns séculos, quando os historiadores quiserem saber que tipo de pessoas malucas viviam no começo do século XXI, só terão de olhar os arquivos digitais dos ditos “grandes” restaurantes. Essa informação é arquivada, eu sei disso por acaso. Se da última vez o Sr. L. estava disposto a esperar três meses por uma mesa junto à janela, desta terá de esperar cinco por uma ao lado do banheiro masculino — é isso que os restaurantes chamam de “administração das relações com o cliente”.

Serge nunca reserva uma mesa com três meses de antecedência. Serge faz a reserva no mesmo dia, ele diz que considera isso um esporte. Existem restaurantes que reservam uma mesa para pessoas como Serge Lohman, e este restaurante, por acaso, é um deles. Um de muitos, eu diria. Isso faz com que você imagine se existe algum restaurante em todo o país onde não desmaiem imediatamente ao ouvir o nome Serge Lohman ao telefone. Não é ele quem telefona, claro; deixa que sua secretária ou um de seus assistentes faça isso. “Não se preocupe”, ele me disse quando nos falamos há alguns dias. “Eles me conhecem, consigo uma mesa para a gente.” Eu só tinha perguntado se não seria uma boa ideia telefonar, para o caso de estarem lotados, e aonde iríamos caso

estivessem. Pensei ter ouvido algo como piedade na voz dele. Eu quase podia vê-lo negar com um gesto de cabeça. Era um esporte.

Havia algo que eu não queria naquela noite. Não queria estar lá quando o dono ou o gerente de plantão cumprimentasse Serge Lohman como se fosse um velho amigo; ou ver como a garçonete o conduziria até a melhor mesa com vista para o jardim, ou Serge agindo como se merecesse tudo aquilo, pois no fundo ele ainda era um sujeito comum, e por isso se sentia totalmente à vontade entre outras pessoas comuns.

Exatamente por isso, eu disse a ele para nos encontrarmos no próprio restaurante e não no bar da esquina, como ele sugerira. Era um bar aonde iam muitas pessoas comuns. O modo como Serge Lohman entraria ali como um sujeito qualquer, com um sorriso que dizia que todas aquelas pessoas comuns deveriam acima de tudo continuar a conversar e agir como se ele não estivesse ali, era algo que eu também não queria.

## 2

O restaurante fica a poucos quarteirões de nossa casa, então fomos a pé. Isso também nos fez passar pelo bar onde não quis encontrar Serge. Eu tinha colocado o braço ao redor da cintura de minha esposa, a mão dela estava enfiada em algum lugar dentro do meu casaco. O letreiro do lado de fora do bar estava aceso com o vermelho e branco familiar da marca de chope que serviam.

— Ainda está cedo demais — disse eu à minha esposa. — Quer dizer: se formos para o restaurante agora, chegaremos pontualmente.

Minha esposa: eu devia parar de chamá-la assim. O nome dela é Claire. Seus pais a batizaram Marie Claire, mas com o tempo Claire não quis partilhar seu nome com uma revista. Algumas vezes a chamo de Marie só para provocar. Mas quase nunca me refiro a ela como minha esposa — apenas em ocasiões oficiais, ou em frases como “Minha esposa não pode atender ao telefone agora” ou “Minha esposa tem certeza absoluta de que pediu um quarto com vista para o mar”.

Em noites como essa Claire e eu aproveitamos ao máximo os momentos em que estamos a sós. É como se tudo estivesse em jogo, como se o jantar marcado fosse apenas um mal-entendido, como se fôssemos apenas nós dois na cidade. Se eu tivesse que dar uma definição de felicidade, seria esta: a felicidade não precisa de nada além dela mesma, não precisa ser sancionada. “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” é a frase de abertura de *Anna Karenina*, de Tolstói. A única coisa que eu poderia querer acrescentar a isso é que famílias infelizes — e, entre famílias, em especial o marido e a mulher infelizes — nunca são infelizes sozinhas. Quanto mais pessoas para comprovar, melhor. A infelicidade adora companhia. A infelicidade

não suporta o silêncio, especialmente o silêncio desconfortável que se instala quando tudo é solitário.

Então, quando o garçom do bar pousou nossas cervejas diante de nós, eu e Claire sorrimos um para o outro, sabendo que logo estaríamos passando uma noite inteira na companhia dos Lohman; sabendo que aquele era o melhor momento da noite, que a partir dali seria ladeira abaixo.

Eu não queria ir ao restaurante. Nunca quero. Um compromisso marcado para o futuro imediato equivale aos portões do inferno; a noite em si é o próprio inferno. Começa em frente ao espelho de manhã: o que você vai vestir e se vai se barbear ou não. Afinal, em momentos como esses tudo é uma declaração, tanto jeans rasgados e manchados quanto uma camisa impecavelmente passada. Se deixa a barba por fazer, é preguiçoso demais para se barbear; já uma barba de dois dias no mesmo instante faz com que se perguntem se é um novo visual; uma de três dias ou mais está a apenas um passo da desintegração total. “Está se sentindo bem? Não está doente, está?” Não importa o que faça, você não é livre. Você se barbeia, mas não é livre. Fazer a barba também é uma declaração. Pelo jeito você considerou a noite importante o suficiente para se dar o trabalho de se barbear, é como você vê os outros pensando — na verdade, fazer a barba já o coloca perdendo por 1x0.

E então sempre tenho Claire para me lembrar de que essa não é uma noite como as outras. Claire é mais inteligente que eu. Não digo isso de um ponto de vista meio feminista e idiota ou de modo a agradar as mulheres. Você nunca me ouvirá dizer que “as mulheres em geral” são mais inteligentes que os homens. Ou mais sensíveis, mais intuitivas, que são mais “conectadas com a vida” ou qualquer outra babaquice que, no fim das contas, os homens ditos “sensíveis” tentam defender mais do que as próprias mulheres.

Claire apenas é mais inteligente do que eu, e posso dizer com honestidade que demorei algum tempo para admitir isso. Durante nossos primeiros anos juntos, eu a considerava inteligente, eu acho, mas inteligente de um modo comum: aliás, exatamente tão inteligente quanto você poderia esperar que minha esposa fosse. Afinal, eu ficaria mais de um

mês com uma mulher burra? De qualquer forma, Claire era inteligente o suficiente para que eu continuasse com ela mesmo depois do primeiro mês. E agora, quase vinte anos depois, isso não mudou.

Então Claire é mais inteligente que eu, mas em noites como essa ela ainda pede minha opinião sobre o que vestir, quais brincos usar, se deveria prender os cabelos ou deixá-los soltos. Para as mulheres, brincos são meio como fazer a barba para os homens: quanto maiores os brincos, mais significativa, mais festiva a noite. Claire tem brincos para todas as ocasiões. Algumas pessoas poderiam dizer que não é inteligente ser tão insegura em relação ao que se veste. Mas não é como vejo. A mulher burra é aquela que acha não precisar de ajuda alguma. O que os homens entendem desse tipo de coisa?, pensa a mulher burra, e vai em frente para fazer a escolha errada.

Algumas vezes tentei imaginar Babette perguntando a Serge se está usando o vestido certo. Ou se o cabelo não está comprido demais. O que Serge acha daqueles sapatos. Os saltos não são baixos demais, são? Ou talvez altos demais?

Mas, sempre que faço isso, percebo que há algo errado com a cena, algo que parece inimaginável. “Não, está bem, está perfeito”, ouço Serge dizer. Mas ele não está prestando atenção, isso não interessa a ele de verdade e, além do mais, mesmo que sua mulher usasse o vestido errado, todos os homens ainda virariam a cabeça quando ela passasse. Tudo fica bem nela. Então, do que está reclamando?

Aquele não era um bar da moda, as pessoas elegantes não iam lá — não era *descolado*, Michel diria. As pessoas comuns eram de longe a maioria. Não particularmente jovens ou particularmente velhas, na verdade um pouco de tudo misturado, mas acima de tudo comuns. Como um bar deveria ser.

Estava lotado. Ficamos de pé, perto da porta do banheiro masculino. Claire segurava a cerveja com uma das mãos e apertava meu pulso de forma delicada com os dedos da outra.

— Não sei, mas nos últimos tempos tenho tido a impressão de que Michel está agindo de modo estranho — disse ela. Bem, não exatamente estranho, mas diferente. Distante. Você percebeu?

— É? — respondi. — Acho que é possível.

Eu tinha de tomar o cuidado de não olhar para Claire, nós nos conhecemos bem demais, meus olhos iriam me denunciar. Em vez disso, me comportei como se estivesse observando o bar, fingindo estar profundamente interessado no espetáculo de gente comum em meio a conversas animadas. Fiquei aliviado por ter mantido minha posição, por não encontrarmos os Lohman até chegarmos ao restaurante; eu podia imaginar Serge passando pelas portas de vaivém, seu sorriso encorajando os frequentadores do bar a, acima de tudo, continuarem o que estavam fazendo e não prestarem atenção nele.

— Ele não lhe falou nada? — perguntou Claire. — Digo, vocês dois conversam sobre outras coisas. Acha que poderia ter relação com alguma garota? Algo que ele achasse mais fácil contar a você?

Nesse instante a porta do banheiro masculino se abriu e tivemos de dar um passo para o lado, e ficamos ainda mais colados. Senti o copo de cerveja de Claire batendo no meu.

— Acha que pode ter alguma relação com garotas? — indagou ela de novo.

Se pelo menos isso fosse verdade, não pude deixar de pensar. Algo a ver com garotas... Não seria maravilhoso, maravilhosamente normal, a confusão adolescente normal?

“Chantal/Merel/Rose pode passar a noite aqui?”

“Os pais dela sabem? Se os pais de Chantal/Merel/Rose acham que tudo bem, por nós tudo bem. Desde que você se lembre... Desde que você tenha cuidado quando... Ah, você sabe o que quero dizer, não preciso mais falar com você sobre isso. Certo? Michel?”

Garotas iam à nossa casa com bastante frequência, cada uma mais bonita que a outra, sentavam-se no sofá ou à mesa da cozinha e me cumprimentavam quando eu chegava em casa.

“Olá, Sr. Lohman.”

“Não precisa me chamar de Sr. Lohman. Pode me chamar de Paul.”

E então elas me chamavam de “Paul” algumas vezes, mas dois dias depois eu voltava a ser “Sr. Lohman”.

De vez em quando eu falava com uma delas ao telefone, e enquanto perguntava se queria deixar algum recado para Michel, fechava os olhos e tentava ligar a voz da garota do outro lado da linha (elas raramente diziam seus nomes, iam direto ao assunto: “Michel está?”) a um rosto. “Não, tudo bem, Sr. Lohman. É que o celular dele está desligado, então resolvi tentar esse número.”

Duas vezes, quando entrei sem me anunciar, tive a impressão de tê-los flagrado no meio de algo, Michel e Chantal/Merel/Rose: achei que estavam assistindo a *The Fabulous Life* na MTV com um pouco menos de inocência do que queriam me fazer crer; que estavam dando uns amassos, que se apressaram em ajeitar roupas e cabelos quando me ouviram chegar. Algo no rubor nas bochechas de Michel, algo acalorado, disse a mim mesmo.

Mas, para ser honesto, eu não tinha ideia. Talvez não estivesse acontecendo nada, talvez todas aquelas garotas bonitas apenas vissem meu filho como um bom amigo: um garoto legal, bastante bonito, alguém com quem poderiam ir a uma festa — um garoto em quem podiam confiar, precisamente por não ser do tipo que queria dar uns amassos nelas de cara.

— Não, acho que não tem a ver com uma garota — disse, agora olhando nos olhos de Claire. Essa é a parte opressiva da felicidade, o modo como tudo está na mesa como um livro aberto: se eu evitasse olhar por mais tempo, ela teria certeza de que alguma coisa estava acontecendo; com garotas, ou pior. — Acho que é alguma coisa com a escola. Ele acabou de fazer as provas, acho que está cansado. Acho que subestimei um pouco como seu segundo ano seria duro.

Será que isso soava crível? E acima de tudo: eu parecia crível ao dizer isso? O olhar de Claire passeou rapidamente pelo meu olho direito e o esquerdo; depois ela levou a mão ao colarinho da minha camisa, como se houvesse algo fora do lugar que pudesse ser resolvido agora, para que eu não parecesse um idiota quando chegássemos ao restaurante.

Ela sorriu e colocou a palma da mão sobre meu peito. Eu podia sentir as pontas de dois dedos em minha pele, bem onde o último botão de minha camisa estava solto.

— Talvez seja isso — disse ela. — Só acho que nós dois precisamos tomar cuidado para que em algum momento ele não pare de falar sobre as coisas. Quer dizer, que nos acostumemos a isso.

— Não, claro. Mas nessa idade ele meio que tem direito a seus segredos. Não deveríamos tentar descobrir tudo sobre ele, do contrário pode se fechar totalmente.

Olhei Claire nos olhos. Minha esposa, pensei naquele momento. Por que eu não deveria chamá-la assim? Minha esposa. Passei o braço ao redor dela e a puxei para mais perto. Mesmo que apenas durante aquela noite. Minha esposa e eu, disse a mim mesmo. Minha esposa e eu gostaríamos de ver a carta de vinhos.

— Do que está rindo? — perguntou Claire. Perguntou minha esposa.

Olhei para nossos copos de cerveja. O meu estava vazio, o dela ainda tinha três quartos. Como de costume. Minha esposa não bebia tão rápido quanto eu, outra razão pela qual eu a amava, talvez essa noite mais que em outras.

— Nada — falei. — Estava pensando... Estava pensando em nós.

Aconteceu rápido: em um momento eu estava olhando para Claire, olhando para minha esposa, provavelmente com expressão amorosa, ou pelo menos com um brilho nos olhos, e no momento seguinte senti uma cortina úmida deslizar sobre meus olhos.

Sob nenhuma circunstância ela deveria perceber qualquer coisa estranha em mim, então enfiei o rosto em seus cabelos. Apertei mais sua cintura e funguei: xampu. Xampu e algo mais, algo quente — cheiro de felicidade, pensei.

Como teria sido essa noite se, há pouco menos de uma hora, eu simplesmente tivesse ficado lá embaixo esperando dar a hora de sair em vez de subir as escadas até o quarto de Michel?

Como teria sido o resto de nossas vidas?

O cheiro de felicidade que senti nos cabelos de minha esposa ainda teria cheiro apenas de felicidade e não, como agora, de alguma lembrança distante — como o cheiro de algo que você poderia perder de uma hora para outra?